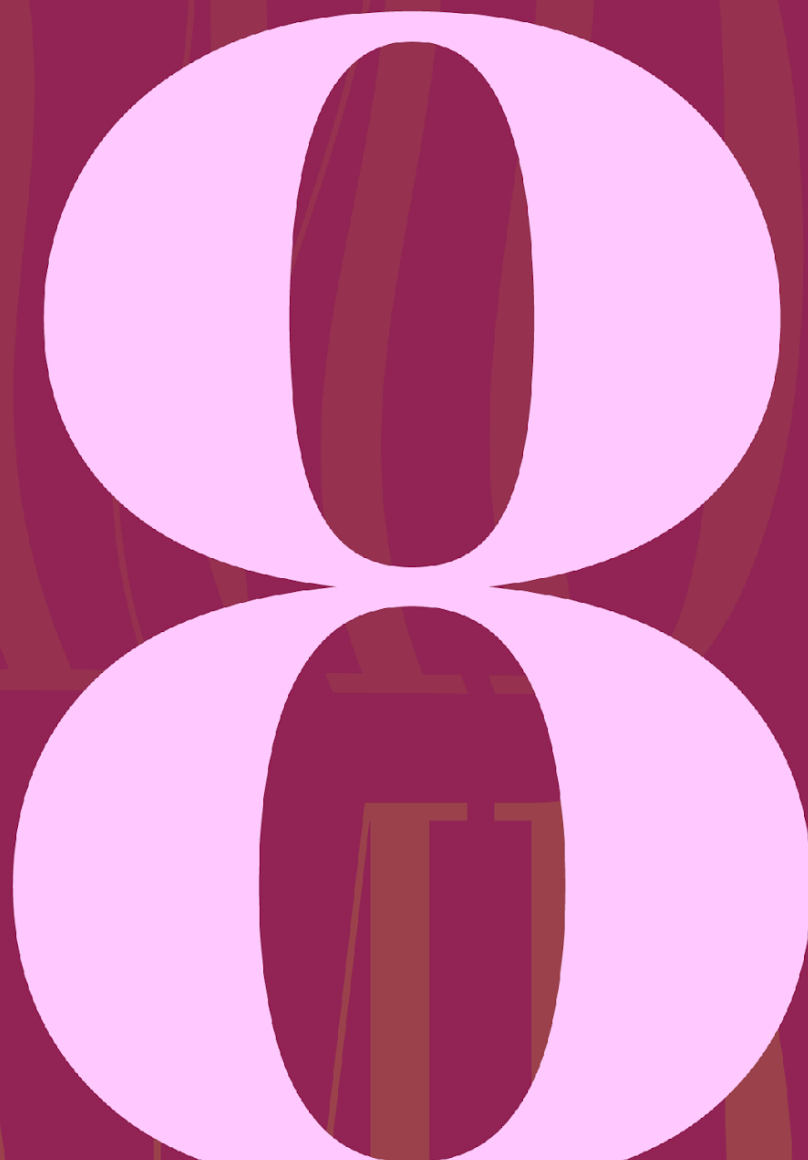


# Editorial



DOI: [10.5965/25944630832024e6303](https://doi.org/10.5965/25944630832024e6303)

## Sustentabilidade e Inovação social no Ensino de Artes, Moda e Design

Embora diversos estudiosos tenham se debruçado sobre a sustentabilidade na tentativa de conceituá-la com verdade e afinco, sua definição permanece em suspensão. Dado que a sustentabilidade não pode ser aplicada, na realidade concreta, deve-se aceitar a impraticabilidade do termo. Figueiredo *et al.*, (2014) defendem esse ponto de vista ao afirmarem que a sustentabilidade possui um caráter utópico e, por vezes, falacioso. Segundo os autores, ainda que se possa assumir como ponto de partida o postulado do relatório Brundtland (1987)<sup>2</sup>, “[...] não há como garantir que as gerações atuais e futuras possam sanar suas necessidades” (Figueiredo *et al.*, 2014, p. 12). Ao consentir com essa visão, os organizadores deste dossiê não querem desencorajar quaisquer iniciativas voltadas para mudanças pró-ambientais, mas desejam incitar novos diálogos sobre a conceituação e a aplicabilidade do termo, especialmente, por parte do corpo discente e docente das Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras.

Nesse sentido, observa-se que, até outrora, as IES do país preparavam o alunado para o mercado de trabalho formal e subjugavam a necessidade de uma formação voltada para a sustentabilidade e para a inovação social. Vistos como

---

<sup>1</sup> Valdecir Babinski Júnior é doutorando em Design na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É mestre em Design de Vestuário e Moda (2020) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). É pós-graduando em marketing (2018) pela Universidade de São Paulo (USP). É graduado em Moda (2014) pela Udesc. Atualmente, é pesquisador do Programa de Excelência Acadêmica (Proex) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3236784093903342>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5298-4756>; E-mail: [vj.babinski@gmail.com](mailto:vj.babinski@gmail.com)

Luiz Fernando Gonçalves de Figueiredo é doutor em Engenharia de Produção (2000) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É mestre em Engenharia Civil (1995) pela UFSC. É graduado em Engenharia Sanitária (1988) pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Atualmente, é professor efetivo do quadro docente da UFSC, onde coordena o Núcleo de Abordagem Sistêmica do Design (NAS-Design). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5673108770491112>; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3532-553X>; E-mail: [lfigueiredo2009@gmail.com](mailto:lfigueiredo2009@gmail.com).

<sup>2</sup> O relatório Brundtland (1987) apresenta a ideia de que a sociedade contemporânea deve satisfazer suas necessidades sem comprometer a capacidade das próximas gerações de satisfazerem as suas. Esse argumento tornou-se uma máxima amplamente difundida nos estudos do desenvolvimento sustentável.

dispensáveis ou irrelevantes, esses temas foram marginalizados pelos cursos superiores de diversas áreas do conhecimento durante um período expressivo de suas existências. Todavia, os novos arranjos sociais que se formaram nas últimas décadas têm exposto problemáticas complexas que passaram a exigir mudanças curriculares significativas (Oliveira; Melo; Muylder, 2016). Desse cenário, emergiram “os estudos sobre inovação social [que] discutem alternativas de crescimento e desenvolvimento das comunidades e dos indivíduos por meio da emancipação e participação política da sociedade civil nos seus dilemas cotidianos [...]” (Oliveira; Correia; Gomez, 2018, p. 391).

Os estudos sobre inovação social estão apoiados na ideia de que, para que haja desenvolvimento, torna-se urgente a criação de valor diante de interesses coletivos. Para isso, os sujeitos hodiernos devem buscar respostas inovadoras para problemas triviais que impactam suas vidas e afetam suas comunidades. Não sem razão, Oliveira, Correia e Gomez (2018, p. 392) acreditam que “[...] a inovação social refere-se à necessidade de envolver e incluir os cidadãos no processo de mudança [...] em que soluções são desenvolvidas para atender as suas próprias necessidades [...]”. De maneira semelhante, Mulgan (2006, p. 146, tradução nossa<sup>3</sup>) sustenta que: “a inovação social refere-se a atividades e serviços inovadores que são motivados pelo objetivo de satisfazer uma necessidade social e que são predominantemente difundidos através de organizações, cujo foco principal é a coletividade [...]”.

Na mesma linha de Mulgan (2006) e de Oliveira, Correia e Gomez (2018), Manzini (2008, p. 61-62, grifo do autor) argumenta que “o termo *inovação social* refere-se a mudanças no modo como indivíduos ou comunidades agem para resolver seus problemas ou criar novas oportunidades [...]”. No entendimento do autor, essas transformações sociais acontecem quando novos comportamentos surgem na base da pirâmide social. Para Oliveira, Correia e Gomez (2018), para que sejam efetivas, essas transformações sociais devem ser duradouras e produzir um impacto significativo sobre a vida dos agentes envolvidos. Empiricamente, observa-se que essa preocupação tem sido negligenciada por cursos superiores

---

<sup>3</sup> No original: “*Social innovation refers to innovative activities and services that are motivated by the goal of meeting a social need and that are predominantly diffused through organizations whose primary purpose are social [...]*” (Mulgan, 2006, p. 146).

que, além de não investirem na relação estudante-instituição, tampouco fomentam ações e projetos voltados para a articulação estudante-comunidade — o que, de outra maneira, poderia tornar menos custoso o desafio de curricularizar a extensão universitária.

No âmbito dessas atividades extensionistas, faz-se necessário destacar o papel que as Artes, a Moda e o Design podem ter como instrumentos de conhecimento difuso. Dada a natureza abrangente e a alta capilaridade desses campos na sociedade contemporânea, a transferência de conhecimento entre a comunidade acadêmica e os municípios, e vice-versa, pode ocorrer de diversas maneiras. Nesse processo, saberes manuais, práticas ancestrais, domínios artísticos, considerações projetuais, qualificações técnicas e competências tecnológicas podem ser empregadas para habilitar os diferentes agentes participantes. Com isso, além de conquistar uma profissão, o alunado pode obter uma formação social no decorrer do seu tempo na universidade.

Entretanto, longe desse cenário, estão as IES que escolhem desvalorizar a dimensão social do percurso formativo. Ao isolar o alunado das potencialidades que podem emergir do trabalho com comunidades extramuros, os cursos superiores, que optam por se distanciar da realidade, impedem que seus estudantes se tornem atores de transformação social. Apoiados em um preciosismo injustificável, não raro, esses cursos ainda deixam de lado pautas ambientais que poderiam agregar novos conhecimentos à jornada discente e fortalecer uma formação cidadã e emancipatória. Nesse sentido, cabe explicar que, por seu passado relativamente recente, algumas áreas também apresentam lacunas que, direta ou indiretamente, debilitam seus egressos. Entre essas lacunas, cita-se a ausência de baremas, indicadores e parâmetros para mensurar o efeito que a produção acadêmica e as abordagens pedagógicas têm sobre a inovação social e as comunidades que envolvem os espaços universitários. Contudo, algumas centelhas de inovação têm surgido para lançar luz sobre a questão.

Na contramão das IES que burocratizam a implementação de disciplinas de sustentabilidade e de inovação social e que negam sua necessidade diante da formação discente, alguns cursos voltados para carreiras artísticas têm alcançado

novos horizontes diante da dinâmica da Economia Criativa, do Empreendedorismo Social e da Educação Decolonial. Dessa paisagem, destaca-se o ensino de Artes, Moda e Design. Ao colocar de lado as especificidades de cada área, nota-se que o campo se mostra fértil para o debate sobre a sustentabilidade ao passo em que, também, oportuniza a ascensão e a realização de ações, projetos, atividades e unidades curriculares voltadas para a inovação social. Foi diante dessa premissa que os organizadores deste dossiê propuseram a reunião de estudos e pesquisas orientadas para a sustentabilidade e a inovação social no contexto do ensino de Artes, Moda e Design.

Com este dossiê, esperava-se reunir pesquisas que denotassem instrumentos, práticas, ações e resultados que indicassem como a inovação social pode ser articulada com o ensino superior. Ademais, estimava-se que a coletânea de artigos selecionados poderia servir como registro do tempo presente para iniciativas já em andamento, assim como poderia indicar quais métricas podem ser usadas por gestores, artistas, estilistas, designers, docentes e discentes na lida com a inovação social e com a sustentabilidade. Com esse propósito em mente, instigou-se a comunidade científica a enviar trabalhos para a coletânea. Dos manuscritos recebidos, extraíram-se os textos que podem ser conferidos, a seguir.

Em *Movimentos de design no novo paradigma antropocêntrico*, Vanessa Ambrósio, Richard Perassi Luiz de Souza e Claudelino Martins Dias Júnior exploram novas correntes teóricas que têm emergido por meio de práticas projetuais interessadas em combater a insustentabilidade no campo do Design. Ao questionarem os engendramentos políticos, sociais, ideológicos e mercadológicos que sufocam os anseios pró-ambientais e as causas sociais que se relacionam com a atividade profissional de designers e projetistas, os autores advogam em nome de movimentos que revisam as soluções em curso e projetam novos cenários para a sustentabilidade. Desse contexto, os autores destacam uma série de novas tendências para o Design e suas articulações com a sustentabilidade.

Já, em *Alternativas Eco-amigables para Reducir el Consumo de Fast Fashion: Un Estudio Cuantitativo y Descriptivo*, Viviana Veja e Edwin Solorzano Rosales criticam a forma como o consumo de *fast fashion* (moda rápida, em livre

tradução) tem induzido os próprios estudantes de moda a se distanciarem de hábitos voltados à sustentabilidade. Não por acaso, o estudo produzido pelos autores fixa que, apesar de haver certa conscientização acerca da insustentabilidade das indústrias têxteis e de confecção, a dinâmica da oferta convencional ainda prevalece. Contudo, há também novos desenhos no horizonte das marcas de moda: produtos feitos com material reciclado, mercados de redistribuição e modelos de negócios responsáveis sinalizam mudanças em curso que podem vir a instaurar uma fase diferente no setor, que tem sido pressionado a adotar medidas socioambientais e métricas inteligentes de governança corporativa.

Notoriamente, essa nova fase das indústrias têxteis e de confecção tem sido insuflada por movimentos sociais que exigem transparência, rastreabilidade e práticas de *fair trade* (comércio justo, em livre tradução). Como exemplos, podem-se citar o Slow Fashion Movement e o Fashion Revolution — sendo este último abordado por Márcio Soares Lima, Luiz Fernando Gonçalves de Figueiredo e Raquel Noronha em *Inovação social e sustentabilidade com mulheres em zona de vulnerabilidade social*. Ao relatar como o Programa Mulheres Mil age para assegurar a autonomia e a qualidade de vida de mulheres que se encontram em situações de vulnerabilidade e sua relação com alguns movimentos sociais, os autores discorrem sobre uma prática empoderadora que uniu noções de afeto, artesanato, identidade e território. Por meio da pesquisa empreendida, podem-se vislumbrar possibilidades de transformação social a partir da autorreflexão que deve ser sustentada por visões críticas acerca do entorno e pela urgência de se reconhecer a potencialidade artística de manifestações femininas que, até o presente, encontram-se à margem da sociedade.

Outro artigo deste dossiê que se baseou em um relato de experiência foi o de Iana Uliana Perez. Sabiamente, a autora abordou o caso de uma disciplina eletiva de Food Design ministrada em um curso superior de Design no Brasil (BR). Apoiada em metodologias ativas com ênfase na inovação social e sua dimensão projetual, a prática relatada apresentou a visão de discentes e docentes sobre a problemática alimentar de comunidades locais. Os artefatos gerados pelos participantes da unidade curricular revelaram o anseio do alunado por entender

novas possibilidades de atuação após o término de sua formação. Como narrado pela autora, esses estudantes sentiram-se encorajados a adotarem posturas comprometidas com princípios socioambientais depois de cursarem a disciplina que, certamente, obteve êxito diante do desafio de habilitar os futuros profissionais para lidar com problemas complexos, locais e reais.

A questão do ensino também foi explorada por Valdecir Babinski Júnior e Luiz Fernando Gonçalves de Figueiredo em *A materialidade têxtil como eixo articulador entre a Sustentabilidade e o Design Têxtil no Ensino de Moda*. No entendimento dos autores, as disciplinas de Design Têxtil que estão atreladas a cursos superiores de Moda podem ser pilares importantes para a inclusão de pautas sociais e ambientais no ensino superior. Em especial, os autores sublinharam a necessidade de se observar o trabalho com as materialidades e manualidades têxteis como ponto de partida para práticas pedagógicas e atividades curriculares. Não sem razão, os autores defendem que o percurso formativo da próxima geração de designers e estilistas deve estar alicerçado em um sólido compromisso com a inovação social e com a sustentabilidade em toda a sua complexidade.

Assim, como estimado anteriormente, espera-se que essa coleção de textos possa ilustrar novas formas de se conceituar e aplicar a sustentabilidade e a inovação social no ensino de Artes, Moda e Design. Embora ainda existam diversas barreiras a serem superadas, os cursos da área que estiverem dispostos a integrar, em suas matrizes curriculares, práticas, atividades, conteúdos, tópicos de estudo e ementários voltados para causas sociais e ações ambientais, certamente, terão menos dificuldade para se adaptarem às mudanças de paradigmas que estão em curso na sociedade, na indústria, no mercado e na academia. Por fim, espera-se que a leitura dos textos selecionados seja proveitosa e possa contribuir com a trajetória de estudantes, professores, pesquisadores e IES<sup>4</sup>.

Cordialmente,

---

<sup>4</sup> Revisão gramatical: Albertina Felisbino, Doutora em Linguística, UFSC, 2005. Professora aposentada da Unisul. E-mail [lunnaf@uol.com.br](mailto:lunnaf@uol.com.br)



Prof. Me. Valdecir Babinski Júnior (UFSC)

Prof. Dr. Eng. Luiz Fernando Gonçalves de Figueiredo (UFSC)

### Referências:

BRUNDTLAND, Gro Harlem (org.). **Our Common Future**: report of the World Commission on Environment and Development. Oslo: United Nations, 1987.

Disponível em:

<https://www.are.admin.ch/are/en/home/media/publications/sustainable-development/brundtland-report.html>. Acesso em: 21 jun. 2024.

FIGUEIREDO, Luiz Fernando Gonçalves de *et al.* Desenvolvimento sustentável e exequibilidade: sistematização de debate sociocêntrico participativo em decisões organizacionais no desenvolvimento de projetos. **Design e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 11-22, 31 dez. 2014. Disponível em:

<https://doi.org/10.23972/det2014iss08pp11-22>. Acesso em: 06 jul. 2024.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade**: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-Papers, 2008.

MULGAN, Geoff. The Process of Social Innovation. **Innovations: Technology, Governance, Globalization**, Cambridge, v. 1, n. 2, p. 145-162, abr. 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1162/itgg.2006.1.2.145>. Acesso em: 06 jul. 2024.

OLIVEIRA, Anna Gabriela Miranda de; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; MUYLDER, Cristiana Fernandes de. Educação Empreendedora: o desenvolvimento do empreendedorismo e inovação social em instituições de ensino superior. **Revista Administração em Diálogo**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 29-56, 1 jan. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20946/rad.v18i1.12727>. Acesso em: 28 jun. 2024.



OLIVEIRA, Verônica Macário de; CORREIA, Suzanne Erica Nóbrega; GOMEZ, Carla Regina Pasa. Inovações Sociais como Meio de Promoção do Consumo Sustentável: possibilidades e desafios. **Desenvolvimento em Questão**, Ijuí, v. 16, n. 44, p. 383-416, 8 ago. 2018. Disponível em:  
<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2018.44.383-416>. Acesso em: 18 jun. 2024.

Submetido em: 26/10/2024  
Aprovado em: 28/09/2024  
Publicado em: 01/10/2024